

# FINANÇAS

Editora executiva: **Jiane Carvalho** jcarvalho@brasileconomico.com.br  
 Subeditora: **Priscila Dadona** pdadona@brasileconomico.com.br

# Petróleo recua ao preço de 2011 e recorde de queda é esperado

Movimento alivia a pressão inflacionária global, o que colabora com juros menores e a volta do crescimento

**Flávia Furlan**  
 ffurlan@brasileconomico.com.br

O preço do petróleo travou um movimento de queda que levou o barril Brent — negociado na bolsa de Londres e extraído no Mar do Norte e no Oriente Médio — a fechar nos últimos três dias em torno de US\$ 98, patamar identificado pela última vez em janeiro de 2011. O movimento alivia as pressões inflacionárias globais, o que ajuda na manutenção dos juros baixos na esperança de estimular a recuperação econômica.

Apesar do ganho de 1,16% ontem, o petróleo Brent teve desvalorização de 7,6% de janeiro até ontem, quando fechou a US\$ 98,97. O West Texas Intermediate (WTI) — comercializado na Bolsa de Nova York e produzido na região do Golfo do México — subiu 1,06% ontem, mas caiu 14,9% no ano, para US\$ 84,17. Só nos Estados Unidos, o estoque do produto está no maior nível em 22 anos (384,74 milhões de barris).

“A queda no preço do petróleo ajuda a reduzir e inflação onde não tem preços regulados, ao contrário do Brasil”, pondera o economista Ricardo Amorim.

No ano passado, os conflitos políticos conhecidos como a Primavera Árabe, ocorridos no Oriente Médio e no Norte da África, fizeram com que o preço do petróleo se elevasse para algo acima de US\$ 100 para os dois tipos de óleo. O receio era com uma queda da produção na região, que reduziria a oferta. Passado este período, começou uma pressão para baixo da cotação do óleo pela expectativa de uma demanda menor causada pela desaceleração da economia mundial.



Na bolsa de Nova York, a cotação do barril WTI já caiu 14,9% de janeiro até ontem

**Analista da Moody's vê petróleo WTI, negociado em Nova York, encerrar o ano entre US\$ 85 e US\$ 90**

De acordo com o economista da Moody's Analytics, Alfredo Coutinho, a deterioração do ambiente econômico internacional tem causado a queda dos preços, mais especificamente os problemas fiscais na Zona do Euro, os sinais de fraqueza da economia americana e a desaceleração chinesa.

“Dada uma recuperação fraca da economia global, o preço da commodity vai continuar a se ajustar para baixo durante este ano, fechando entre US\$ 85 e US\$ 90 no caso da WTI”, estima o analista.

Amorim vai além e diz que também a cotação do dólar tem influência no preço do petróleo.

“Quando o dólar se valoriza no mundo, o preço das commodities tende a cair”, pondera. Neste ano, frente ao real, a moeda americana apresentou valorização de 9,83%, e fechou ontem cotada a R\$ 2,05.

Outro motivo apontado por ele é a desalavancagem de posições que apostam em alta do preço do barril do petróleo no mercado futuro. Ele explica que o cenário estrutural aponta para uma alta do preço do óleo, devido à explosão de demanda trazida pelos países emergentes, em especial a China, mas a piora da crise europeia levou os investidores a zerarem essas posições, o que tende a pressionar para baixo as cotações.

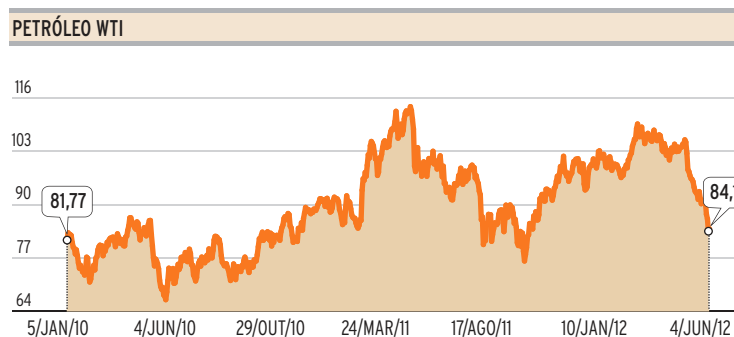
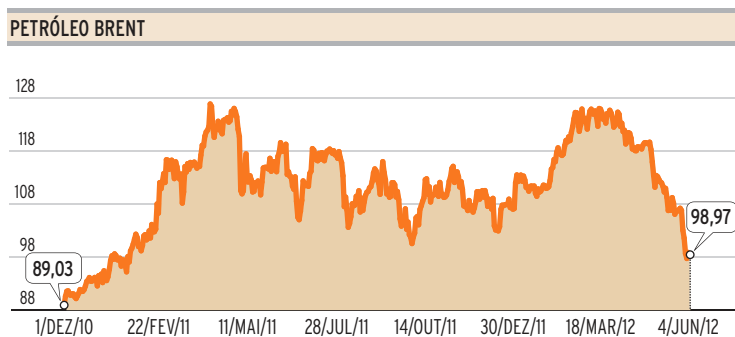
Para ilustrar, o barril do petróleo WTI estava cotado a US\$ 104,71 nos contratos futuros com vencimento em dezembro de 2012 que eram comercializados em fevereiro deste ano em Nova York. Os mesmos contratos negociados ontem traziam um valor para o óleo de US\$ 85,51. “Os preços ainda vão cair e não vou ficar surpreso se for mais de 40% neste ano, pela piora na crise da Europa”, diz o economista.

Amorim acredita que a recuperação do preço do petróleo deve vir ainda neste ano, uma vez que o cenário estrutural continua intacto e ele aponta para alta do óleo. O que vemos agora, segundo o economista, é uma repetição do período de 2008 e 2009. “No auge da crise, o dólar despencou e, quando tranquilizou, o preço voltou a subir.”

O analista econômico da Austin Rating, Rafael Leão, acredita que os preços do petróleo devem ficar em baixa até o final do ano pelas incertezas em relação à atividade econômica mundial. “Conforme isso vai saindo do radar dos agentes, o preço tende a voltar a subir”, diz ele, que não faz projeções de preços.

Já o analista-chefe da Coinvalores, Marco Aurélio Barbosa, acredita que a cotação do petróleo deve fechar 2012 em um patamar menor do que o previsto no início do ano. Isso tendo em vista os fatores que são passíveis de análise, já que o preço do petróleo sofre influência de conflitos geopolíticos em uma das zonas de produção, o Oriente Médio, difíceis de prever. “Esses conflitos são uma caixa de surpresas”, destaca. ■

## DESEMPENHO | Cotação do petróleo, em US\$ por barril\*



Fontes: Bloomberg e Brasil Econômico \* futuro 2ª posição

Paulo Fridman/Bloomberg



## Metade dos brasileiros tem conta bancária

Brasileiros com conta bancária representam 51% da população, segundo estudo da Fecomércio-RJ/Ipsos. Entre 2008 e 2012, o percentual da população no sistema bancário era de 37%. As principais razões estão na expansão do mercado de trabalho com carteira assinada e no crescimento contínuo da renda, que influenciaram as concessões de crédito. Apesar de as transações bancárias serem cada vez mais comuns, 68% dos correntistas não sabem quanto pagam de tarifas.

### AGENDA

- PMI Composto e vendas no varejo na Zona do Euro, às 5h.
- Na Alemanha tem encomendas às fábricas, às 7 horas.
- No Brasil sai sondagem do comércio, às 8h.
- Nos EUA, será divulgado o ISM de serviços, às 11h.

# Empresas do setor em queda na bolsa de valores

Cenário de aversão a risco mais petróleo desvalorizado prejudicam companhias

O ano de 2012 tem sido de desvalorização para as ações das empresas relacionadas ao setor de petróleo presentes na bolsa de valores brasileira.

A HRT, empresa de exploração e produção de óleo e gás natural, foi a companhia que apresentou maior queda entre as cinco ligadas à commodity na BM&FBovespa: de 52,02% desde janeiro até ontem.

Logo em seguida está a concorrente Queiroz Galvão, com desvalorização de 48,42% no período avaliado.

A OGX, do grupo EBX, do empresário Eike Batista, caiu no período 28,05%, mas segundo analistas há um certo exagero na desvalorização dos papéis, embora ainda haja queda do preço do petróleo que prejudica a rentabilidade da companhia.

A Petrobras, gigante do setor e que é tida como a que mais atrai investidores estrangeiros, sofreu queda de 11,13% entre janeiro e ontem, nos papéis ordinários, enquanto as ações preferenciais apresentaram desvalorização de 8,87%.

A Lupatech, por sua vez, foi a companhia a apresentar desvalorização menor, de apenas 0,82% no período, no entanto os papéis já estão pressionados, uma vez que apresentaram queda de 76,92% apresentado no ano passado.

### Explicações

Os motivos para o movimento de queda generalizada vão do cenário de aversão ao risco —

**HRT teve a maior desvalorização de janeiro até ontem, de 52,02%, seguida da Queiroz Galvão, com queda de 48,42%**

o que afugenta os investidores da BM&FBovespa e prejudica o mercado acionário como um todo — à desvalorização da commodity e também à execução de projetos por parte das companhias.

“Os investidores estão olhando para ativos mais seguros e mais líquidos, como títulos dos governos americano e alemães, em vez de investimentos ligados a commodities”, afirma o economista da Moody’s Analytics, Alfredo Coutinho.

Dados divulgados pela BM&FBovespa ontem revelam que, em maio, os investidores estrangeiros tiraram R\$ 2,3 bilhões da bolsa de valores brasileira.

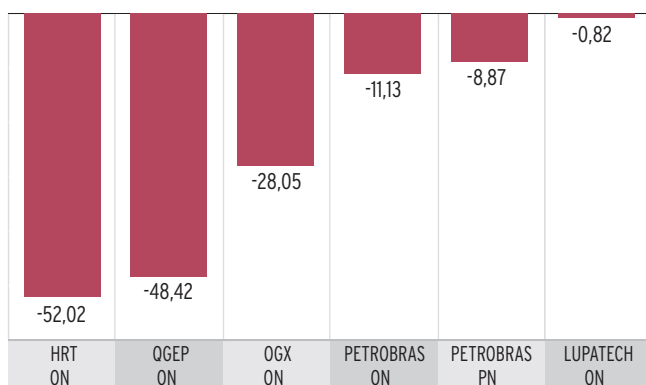
O economista Ricardo Amorim, por sua vez, afirma que não é somente a queda do petróleo que causa a desvalorização das ações das companhias do setor na bolsa, mas o cenário de aversão a riscos.

“Acredito ainda que a bolsa vá cair muito forte neste ano, para recuperar somente no próximo”, afirma.

Ele compara com o que ocorreu na crise financeira de 2008, quando a bolsa brasileira desvalorizou 50% entre o pico e a mínima (a maior e a menor pontuação do Ibovespa), mas recuperou 100% no ano seguinte. ■ **F.F.**

### PETROLÍFERAS NA BOLSA

Varição dos papéis das empresas no acumulado do ano, em %



Fontes: Economática, Brasil Econômico, BM&FBovespa



Moacyr Lopes Junior/Folhapress

**Abril desaquecido: mês passado foram financiados 32,5 mil imóveis, uma queda de 16% ante 2011**

# Crédito imobiliário cresce 5,2% no ano

Até abril, os empréstimos para compra de imóveis somaram R\$ 23,3 bilhões com recursos da poupança para este tipo de financiamento

Os empréstimos para financiamentos imobiliários com recursos da caderneta de poupança aumentaram 5,2% no primeiro quadrimestre deste ano, na comparação com igual período de 2011, segundo dados divulgados pela Abecip (Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança) ontem. De acordo com a associação, nos quatro primeiros meses de 2012, foram emprestados R\$ 23,3 bilhões de recursos da poupança para este tipo de financiamento.

Mas, em abril, o volume de empréstimos foi de R\$ 5,7 bilhões, com queda de 7% em relação a abril de 2011, após um período exuberante para o crédito imobiliário (comparando

1º quadrimestre de 2011 com o mesmo período de 2010, o crescimento superou os 50%).

Bem mais representativa do dinamismo do crédito imobiliário é a comparação entre os últimos 12 meses, até abril, e os 12 meses anteriores: no período, os financiamentos com recursos das cadernetas de poupança evoluíram 27%, passando de R\$ 64 bilhões para R\$ 81 bilhões.

### Unidades financiadas

Em abril, foram financiados 32,5 mil imóveis, queda de 16% em relação ao mesmo mês do ano passado. Comparando os primeiros quadrimestres de 2011 e 2012, o número de financiamentos foi, respectivamente, de 144,3 mil e 137,3 mil uni-

dades, e a queda foi menor (4,9%). No acumulado de 12 meses, entre maio de 2011 e abril de 2012, foram financiadas 485,9 mil unidades, 8% mais do que nos 12 meses anteriores.

As unidades financiadas no ano até abril somaram 137,2 mil. Em comparação com o primeiro quadrimestre de 2011, houve queda de 4,88%. Em 2011, foram financiados 32,4 mil imóveis, 15,59% a menos do que em abril de 2011.

No quadrimestre, a captação líquida da poupança (depósitos menos saques) ficou positiva em R\$ 3,4 bilhões, devido à captação positiva de abril, de R\$ 1,5 bilhão, a segunda do ano. Já o saldo atingiu a marca de R\$ 341,2 bilhões em abril. ■

## B2W fará oferta de R\$ 300 mi em debêntures

Empresa pretende levantar o total com venda de 30 mil papéis com vencimento de 5 anos

A B2W Companhia Global do Varejo, dona dos sites Submarino e Americanas, fará nova oferta de debêntures, com esforço restrito, no valor total de R\$ 300 milhões. Os títulos terão vencimento de cinco anos, segundo comunicado enviado pela empresa à Comissão de Va-

lores Mobiliários (CVM).

A emissão se destina a investidores qualificados, de acordo com o comunicado. As debêntures são simples, não convertíveis em ações. Os 30 mil papéis serão emitidos em série única ao valor nominal unitário de R\$ 10 mil.

A emissão será realizada no dia 13 de junho e, segundo a empresa, os recursos captados com a oferta restrita serão utili-

zados para o reforço do capital de giro da companhia.

Ainda de acordo com a B2W, as debêntures farão pagamento de juros remuneratórios correspondentes à 120% das taxas médias diárias dos Depósitos Interfinanceiros (DI) de um dia.

O pagamento dos juros será feito anualmente, sendo o primeiro pagamento doze meses após a data de emissão e, o último, na data de vencimento. ■